

## FRIDA KAHLO: UMA VIDA

*Marli Miranda Bastos<sup>1</sup> e Maria Anita Carneiro Ribeiro<sup>2</sup>*

### RESUMO:

Este trabalho é resultado de uma pesquisa psicanalítica sobre a vida e a obra de Frida Kahlo através do conceito da sublimação. Nosso recorte recai sobre os fatos, para nós, mais relevantes de sua biografia, os quais nos permitem trabalhar o conceito da sublimação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sublimação. Psicanálise. Arte. Frida Kahlo.

---

<sup>1</sup> Marli Miranda Bastos

É psicanalista, com especialização em psicologia clínica pela PUC-RJ, mestranda da Universidade Veiga de Almeida no Mestrado Profissional em Psicanálise, Saúde e Sociedade. Membro do Fórum do Campo Lacaniano do Rio de Janeiro e participante de Formações Clínica do Campo Lacaniano-Rio de Janeiro. E-mail: [marlim.bastos@gmail.com](mailto:marlim.bastos@gmail.com)

<sup>2</sup> Maria Anita F. L. Carneiro

É Pós-doutora pela PUC-RJ, doutorado em Psicologia Clínica pela PUC-SP e mestrado em Psicologia pela PUC-RJ. Membro (AME) da Escola de Psicanálise do Campo Lacaniano e faz parte do colegiado de Formações Clínica do Campo Lacaniano-Rio de Janeiro.

Este trabalho traz o estudo da surpreendente história de Frida Kahlo. Transita entre a exuberante obra pictórica e a trágica história de sua vida, buscando melhor compreender a artista em relação à sublimação. Ao longo de sua trajetória de vida, marcada por invasões do real, poliomielite com seqüelas e um acidente, foi impulsionada a produzir uma belíssima obra, cuja dor e cores são constantes, instigando a pesquisa sobre as relações de sua história de vida e a obra à luz da psicanálise. Para tanto, procuramos elementos em sua biografia que pudessem servir de orientadores no estudo. Vamos percorrer sua vida, fazendo um recorte dos fatos que mais nos chamaram atenção.

### **História de vida**

Magdalena Carmem Frida Kahlo Calderón, nasceu em Coyoacán, México, no dia 7 de julho de 1907, em sua casa, chamada por ela de Casa Azul, hoje Museu Frida Kahlo. Nesta mesma casa, construída em 1904 por seus pais, aconteceram três fatos importantes: seu nascimento, seu casamento e sua morte. Veio a falecer em: 13 de julho de 1954.

Frida Kahlo é a terceira das quatro filhas do casal, Wilhelm Kahlo, posteriormente Guillermo Kahlo e Matilde Calderón y González. Suas irmãs são: Matilde, Adriana, Cristina. Mas, segundo Zamora, após o nascimento de Adriana, nasceu um menino que morreu poucos dias após seu nascimento, de pneumonia (ZAMORA, 1987 p.117). Maria Luisa e Margarida são as “meias-irmãs”; filhas do primeiro casamento de seu pai, com uma mulher mexicana, que morreu ao dar a luz a sua segunda filha.

Guillermo Kahlo, filho de Jakob Kahlo que era joalheiro e comerciante de artigos fotográficos, nasceu em Baden-Baden, judeu, fotógrafo profissional, emigrou para o México, aos 19 anos. Foi considerado o “primeiro fotógrafo oficial do patrimônio cultural do México”. Ele foi “especialista em paisagens, edifícios, interiores, fábricas e etc.” De vez em quando fazia retratos de algum membro do governo, embora afirmasse que não gostava de fotografar pessoas, porque não desejava melhorar o que Deus havia criado. (ZAMORA, 1987 p.10)

Guillermo Kahlo, é descrito como um homem culto e em seu estúdio fotográfico havia uma pequena biblioteca, selecionada com muita atenção. Os livros principais eram em alemão e incluíam obras de Schiller e Goethe, assim como numerosos volumes de filosofia. Havia, em seu escritório, numa posição de destaque, um quadro do seu

herói pessoal – Arthur Shopenhauer. (HERRERA, 1984 p. 29) Cultivava o hábito de sentar-se ao piano e tocar Beethoven e Johann Strauss.

Conforme Herrera, ele não cultivava uma relação íntima com as filhas; só era atento a sua preferida, Frida. Era muito carinhoso e depositava nesta filha suas expectativas de um futuro profissional, estimulando o desenvolvimento do espírito intelectual e aventureiro dela. Ela costumava acompanhá-lo em seus passeios, como pintor amador, pelas zonas campestres locais e era sua confidente. Quando ela teve idade suficiente, seu pai a fez participar de seu interesse na arqueologia e na arte do México. Ele a ensinou também a usar a máquina fotográfica, a revelar, retocar e colorir fotografias, experiências estas, que viriam a ser muito úteis, para a sua carreira de pintora. Kahlo diz que seu pai era: cordial, carinhoso, sossegado, diligente e corajoso. Dizia, que ela era a mais inteligente de suas filhas e também era a que mais se parecia com ele. (KETTENMANN, 1994, p.10)

Matilde Calderón y González, nascida em Oaxaca, era cristã e dona de casa. Filha de um fotógrafo de descendência indígena da Morelia. Matilde foi noiva de um alemão, que se suicidou na sua frente. Segundo Herrera quando Kahlo estava com apenas 11 anos, sua mãe contou-lhe sobre este noivo, mostrou-lhe as cartas que ainda guardava dizendo que “este homem vivia sempre em sua memória”. (HERRERA, 1984 p.19) O que Grimberg acrescenta:

Mas o casamento de Calderón-Kahlo deveria ser infeliz. Mathilde não amou Guillermo, mais tarde ela confessou para sua jovem filha Frida. Ela somente casou com ele porque ele era alemão, e ele fazia com que ela se lembrasse de Ludwig Bauer, um jovem alemão que se suicidou em sua presença para provar-lhe seu amor. (GRIMBERG, 1997 p.9)

Foi ela quem persuadiu Guillermo Kahlo a dedicar-se a fotografia, profissão de seu pai. Kahlo diz que seu avô emprestou uma máquina fotográfica a seu pai e “a primeira coisa que fizeram foi sair pela cidade fotografando e montaram uma coleção de arquitetura indígena e colonial e ao regressar instalou seu primeiro trabalho na Avenida 16 de Setembro”. (HERRERA, 1984 p. 20)

A mãe parecia manter uma relação enérgica com as filhas, transmitiu-lhe a fé religiosa, que era muito significativa para ela. Segundo Herrera, durante toda sua vida a beleza e a ordem de seu trabalho constituíram um motivo de orgulho para ela. Kahlo descreve sua mãe como sendo muito bondosa, ativa e inteligente, mas também calculista, cruel e fanaticamente religiosa. (HERRERA, 1984 p.24).

Segundo os biógrafos, pouco depois do nascimento de Kahlo, sua mãe “adoeceu”, na verdade, ela engravidou de sua irmã Cristina, como não poderia amamentá-la, uma ama-de-leite indígena a amamentou. Kahlo diz a uma amiga: “Me criei por uma ama que lavavam seus seios todas as vezes que ia me amamentar” (HERRERA, 1984 p. 22), Grimberg diz que era a mãe de Frida que lavava o peito da ama-de-leite antes da amamentação e ao descobrir que esta bebia, mandou-a embora. (GRIMBERG, 1997 p.11) Por este motivo, as irmãs mais velhas cuidaram dela e da irmã caçula, Cristina. Suas outras irmãs, Maria Luisa e Margarida, que foram criadas num convento, quando estavam em casa também ajudavam nessa tarefa. Por causa do temperamento de Matilde Kahlo e pelo seu estado de saúde, que começou a padecer de ataques de epilepsia semelhantes aos do seu marido que era epilético quando estava na idade madura.

Aos 6 anos de idade Frida viu seu corpo de menina ser invadido por uma doença, poliomielite, que deixando seqüelas, a fez vítima de uma perna fina e um pé atrofiado. Seu pai durante nove meses dedicou-lhe muito amor e empenho para que ela se curasse. Seguindo a orientação médica colocou-a para praticar esportes. Ela praticou vários tipos de esportes, a maioria deles considerada masculinos (futebol, boxe, luta), tornou-se campeã em natação e também andava de bicicleta, como forma de exercício.

Nesta época Kahlo foi estigmatizada pelos colegas com a alcunha de “Frida da Perna de Pau”, (KETTENMANN, 1994, p.10) o que a magoou profundamente, mas também despertou uma raiva, que a impulsionou a se superar nos esportes. Interessante observar que segundo Zamora, Kahlo teria se “auto-imposto” este apelido devido a sua perna fina. (ZAMORA, 1987 p.14) Um ano antes de falecer, Kahlo necessitou amputar sua perna vindo a dizer: “serei Frida a coxa, perna de pau, da cidade dos Coyoetes”. (HERRERA, 1984, p.341) E uma amiga, Mariana Morillo Safa, tem a seguinte recordação desta época:

Frida fazia chistes sobre sua amputação, mas com um humor negro. Um dia quando a visitei em sua casa, me mostrou uma fotografia de si mesma, com uma dedicatória: *Su majestad es coja* (jogo de palavras com *es coja* e *escoja* - ser coxa e escolha); (HERRERA, 1984 p. 346)

Depois de toda luta de Kahlo contra a poliomielite, ela e seu pai se sentiram mais unidos, devido à experiência comum da enfermidade e solidão. Pois ele era epilético e Frida recorda dos ataques dele, que com freqüência ocorriam à noite um pouco antes dela se

deitar. Ela se afastava para não atrapalhar e assustada, sem entender o que estava acontecendo, se deitava na sua cama. Na manhã seguinte, seu pai acordava e se comportava de maneira normal, como se nada tivesse acontecido. Segundo ela, isso se transformou em um “tipo de mistério que inspirava temor e também compaixão”. (HERRERA, 1984 p.30) E mais tarde ela o acompanhava em suas excursões fotográficas, para estar com ele quando necessitava e diz:

Muitas vezes, ao ir caminhando com a câmera no ombro e levando-me pelas mãos, caía repentinamente. Aprendi a ajudá-lo durante seus ataques em plena rua. Por um lado cuidava que aspirasse prontamente éter ou álcool, por outro vigiava para que não roubassem a máquina fotográfica. (HERRERA, 1984 p.30)

Depois Kahlo vai escrever em seu diário:

Minha infância foi maravilhosa. Ainda que meu pai estivesse enfermo (sofria vertigens cada mês e meio), para mim constituía um exemplo imenso de ternura e trabalho (como fotógrafo e pintor) e, sobre tudo, de compreensão para todos os meus problemas. (HERRERA, 1984 p.30)

Desde criança Frida mostrou-se muito esperta e travessa. Ousava “zombar” de seu pai por causa do hábito alemão que ele conservava, de usar um punhal, chamando-o “Herr Kahlo”. Em outro momento, após uma travessura dirigida a sua meia-irmã Maria Luisa, esta, se vingar dela e Frida relata:

Furiosa me disse: ‘Tu não é filha de minha mãe e do meu pai. Você, eles recolheram no lixo’. Aquela afirmação me impressionou a ponto de converter-me numa pessoa completamente controvertida. Desde então vivi aventuras com uma amiga imaginária. (HERRERA, 1984 p.30)

A amiga imaginária com quem Kahlo trocava suas confidências e fantasias foi retratada em 1939 no quadro intitulado *As duas Fridas*, cuja origem ela explicou em seu diário. Diz:

Deveria ter uns 6 anos quando vivi intensamente uma amizade imaginária com uma menina de mais ou menos a mesma idade minha. [...] Sobre um dos primeiros vidros da janela havia um vapor e com o dedo desenhava uma “porta”, saía em imaginação com grande alegria e urgência. Atravessava todo plano que se via até chegar a uma leiteria chamada PINZÓN ... Por lá “o” de PINZÓN entrava e descia impetuosamente ao interior da terra, onde “minha amiga imaginária” me esperava sempre. Não recordo sua imagem nem sua cor. Mas que era alegre, se ria muito, sem som. Era ágil e bailava como se não tivesse peso algum. Eu a seguia em todos os movimentos e lhe contava, enquanto ela bailava meus problemas secretos. Quais? Não recordo. Mas ela sabia por minha voz todas as coisas. Quando já regressava à janela, entrava pela mesma porta desenhada no vidro. Quando? Por quanto tempo havia estado com ela? Não sei, pode ser um segundo ou mil anos... Eu era feliz, desenhava a “porta” com a mão e “desaparecia”. Corria com meu segredo e minha alegria até o último canto do pátio de minha casa e sempre no mesmo lugar, debaixo de uma árvore de cedro, gritava e ria, assombrada de estar só com minha grande felicidade e a recordação tão viva da menina. Já se passaram 34 anos, que vivi esta amizade mágica e cada vez que a recordo, se aviva e se acrescenta mais e mais dentro de meu mundo. (HERRERA, 1984 P.26)

Aos 13 anos, fazia parte da juventude comunista. A Revolução Mexicana procurou implantar mudanças fundamentais na estrutura social do país. Sua identificação com a Revolução Mexicana (1910-1920) foi tão forte que ela dizia ter nascido em 1910. Assim como ela, o México estava num momento de reconstrução de sua identidade.

Dois anos mais tarde, incentivada pelo pai, ingressou na Escola Preparatória Nacional, na qual havia um total de dois mil alunos, sendo apenas trinta e cinco moças. Era um estabelecimento pós-secundário de propriedade do Estado, que seguia um programa de estudo tendo em mente o ingresso na faculdade de medicina. Eram os planos de Frida e de seu pai, tornar-se médica. Sua mãe era contra, mas com o apoio do pai seguiu em frente. Ela era muito inteligente, por isso manteve uma certa fama na escola e também por suas travessuras. Foi nessa época que emergiu o seu interesse pela política. Nesta escola, conheceu sua primeira paixão, Alejandro Gómez Arias, um romance fadado a não dar certo, porque ele era de uma classe social diferente da dela. Também seus pais não aprovaram o namoro.

Neste período, ela participava ativamente do movimento estudantil e fazia parte de um grupo chamado *Os Cachuchas*, composto sete rapazes e duas moças. Todos se tornaram profissionais destacados no México. Foi nesta escola, que ela conheceu Diego Rivera, um grande artista muralista mexicano, reconhecido internacionalmente, com quem mais tarde, se casou duas vezes. Ele pintava um mural nesta escola. Frida Kahlo ia com alguns colegas, dentre eles, seu namorado Alejandro, assistir Diego trabalhar no mural – *A criação* –. Ela incentivava o grupo a fazer brincadeiras com ele, pois já havia percebido o quanto ele era sedutor. Foi nesta época, aos 16 anos, que confidenciou para uma amiga: “Ainda terei um filho com Diego Rivera”. (HERRERA, 1984 p.39) Porém, este desejo não foi possível de ser realizado, ela conseguiu engravidar várias vezes, mas abortou em seguida.

Frida Kahlo estava em plena adolescência, se vestia com roupas masculinas, apoiava-se numa bengala, usava botas para esconder a perna fina e o pé atrofiado. Neste período trabalhou como aprendiz da arte de retocar gravuras e fotografias para um amigo de seu pai, um próspero impressor comercial, Fernando Fernández que a ensinou a desenhar mediante uma cópia de quadros feitos por um pintor impressionista sueco chamado Andrés Zorn e descobriu que Kahlo tinha um “talento enorme”. Segundo Alejandro Gómez Arias, em resposta ela se entregou a uma breve aventura com ele. (*Apud* HERRERA, 1984, p: 47)

Foi nesta época, segundo Alejandro Gómez Arias, que Kahlo teve sua primeira experiência homossexual. Foi seduzida por uma mulher funcionária da biblioteca da Secretaria de Educação Pública, onde ela foi procurar emprego. Ao relatar este fato para uma amiga, Frida Kahlo confidenciou que tal iniciação foi traumática, porque seus pais souberam, o que resultou num escândalo. (*Apud* HERRERA, 1984, p: 47) Essas relações homossexuais de Kahlo foram acentuadas depois que ela penetrou no mundo boêmio e liberal de Rivera, onde as relações amorosas entre mulheres eram comuns e aceitas. (HERRERA, 1984, p:171)

Judith Ferreto, enfermeira de Kahlo, ao ser questionada sobre o suposto homossexualismo dela diz: “Era um ser sem preconceitos e quanto a atitudes não podemos julgar. Eu não posso julgar. Para Diego era igual...”.. Também Teresa del Conde, uma amiga, refere-se a esta última temporada de Kahlo: “Frida, desprotegida e inválida, buscando consolo e carícias nos braços de outra mulher, aquela que a pode tratar de igual para igual...” (*Apud* ZAMORA, 1985 p.154) E Gómez Arias sugere que:

Os anos correm. Trabalha incansavelmente e tenta várias vezes morrer. Busca desesperada a justa medida para fugir da dor; os analgésicos que, inúteis, conduzem às drogas. Erotismo e sensualidades estremeceem um corpo desfeito, mas imensamente vital, são momentos fugazes de alívio. A mutilam. Tudo se precipita. (*Apud* Zamora, 1985 p.154)

Num dia de setembro, aos 18 anos, sua vida teve uma mudança radical. Quando voltava da escola, acompanhada do namorado, foi vítima de um acidente ocorrido numa colisão entre um bonde elétrico e o ônibus em que seguia da escola para casa, no qual ficou gravemente ferida, deixando-a internada durante um mês, mais três meses seguidos de cama em casa e ainda várias internações no decorrer de sua vida. Neste acidente, sua coluna vertebral se rompeu em três lugares na região lombar, fraturou a clavícula e a terceira e quarta costelas. Teve um ferro atravessado na altura do abdome em sua pélvis, que foi quebrada em três lugares, entrou pelo lado esquerdo e saiu pela vagina. Este ferro foi tirado à força e dizem

que ela deu um grito muito forte e desmaiou; a perna direita que já era fina, devido à seqüela da poliomielite, foi quebrada em onze lugares, o pé direito foi deslocado. Ao recobrar a consciência chamou a família, mas seus pais não puderam acudi-la, sua mãe ficou muda com o choque, seu pai ficou tão triste que adoeceu, ela só pode vê-los vinte dias após. Matilde, sua irmã mais velha foi a única pessoa da família que foi vê-la, tão logo soube do acidente. O namorado, Alejandro, não sofreu nenhum arranhão. Alguém no ônibus segurava um pote contendo um pó dourado e com a queda, o pote abriu e esparramou o pó, Frida que havia sido jogada longe, ficou coberta de sangue e de dourado. Kahlo se referindo a sua sexualidade diz que “perdeu sua virgindade” neste acidente. (ZAMORA, 1987, p.24)

De volta para casa ficou em convalescença durante meses, perdeu o contato com o namorado e alguns dos colegas de juventude. Ela lia e escrevia muito para passar o tempo. A família então resolveu fazer uma cama de baldaquim com quatro colunas e a mãe colocou um espelho em cima para que ela pudesse se ver. Podia também pintar encostada fazendo uso de um engenhoso cavalete de madeira que sua mãe havia mandado fazer. (ZAMORA, 1987, p.76) Foi nesta época que Kahlo começou a pintar. Ela pede ao pai sua caixa de pintura e relata:

O meu pai teve, durante muitos anos, uma caixa com tintas e pincéis dentro de uma jarra antiga e uma paleta a um canto do seu estúdio fotográfico. Ele gostava de pintar e de desenhar paisagens em Coyoacán junto ao rio e por vezes copiava cromolitografias (figuras obtidas pelo processo de gravura em plano). Desde pequenina, como diz o ditado, eu não tirava os olhos daquela caixa de tintas. Não sabia explicar porque. Como ia estar presa a uma cama durante tanto tempo, aproveitei a oportunidade para pedir a caixa a meu pai. (KETTENMANN, 1994, p.18)

Produz então seu primeiro auto-retrato – *Auto retrato com vestido de veludo* (1926), pinta um retrato de sua amiga – *Retrato de Alicia Galant* (1927), em seguida pinta o quadro de um colega – *Retrato de Miguel N. Lira* (1927) e de sua irmã *Retrato de minha irmã Cristina* (1928).

Um mês após o acidente, Kahlo escreve a Alejandro: “Sinto dores, você não pode imaginar a que ponto. Cada vez que me puxam na cama, derramo litros de lágrimas, mas é claro que, como se diz, não se deve confiar nos latidos dos cães nem nas lágrimas das mulheres”. Em cinco de dezembro de 1925, ela diz: “a única coisa boa é que, agora, começo a habituar-me ao sofrimento”. Neste mesmo período Kahlo diz à sua mãe: “Não estou morta e,

mais do que isso, tenho uma razão para viver. Essa razão é a pintura”. (LE CLÉZIO, 1994, p.30)

Até o acidente, o seu desejo era tornar-se médica, a pintura aconteceu em sua vida como por acaso. Ela diz: “Como era jovem, a desgraça não adquiriu um caráter trágico. Creio que tenho energia suficiente para fazer qualquer coisa no lugar de estudar medicina. Sem prestar muita atenção, comecei a pintar”. (HERRERA, 1984 p.63)

Com o acidente vieram todas as dificuldades, a primeira delas foi o rompimento do namoro com Alejandro, o que a entristeceu muito, ela escrevia longas cartas apaixonadas para ele tentando manter este namoro. Cartas estas que foram publicadas em 1997 no livro *Cartas Apaixonadas de Frida Kahlo*.

A retomada dos estudos também ficou prejudicada. Decide então procurar Diego Rivera para avaliar seu trabalho e foi com sua aprovação que ela se dedicou à pintura. Em seguida Rivera insere sua figura no afresco que realizava no Ministério de Educação Pública. Kahlo é retratada com uma estrela vermelha no peito. (ZAMORA, 1987 p.224) Este gesto do pintor a introduz no movimento artístico e revolucionário, dando-lhe o seu aval para o mundo da arte. Nesta época, retorna aos amigos do grupo *Os Cachuchas*, em seus encontros literários e políticos. Entra para a Liga da Juventude Comunista, através de seu amigo Germán de Campo. Conhece Julio Antonio Mella, jovem cubano exilado, que viria a ser assassinado e sua companheira, a fotógrafa Tina Modotti, com quem estabelece uma amizade cheia de cumplicidade. Através desta amizade Kahlo foi introduzida no ambiente social de Rivera.

Ao completar um ano do acidente Kahlo escreve uma carta para Gómez Arias, a qual transcreveremos um fragmento:

Para que estudas? Que segredo buscas? A vida o revelará num instante. Eu já não sei de todo, sei ler e escrever. Há pouco, quase alguns dias, era uma menina e caminhava por um mundo de cores, de forma duras e tangíveis. Tudo era misterioso e ocultava algo: decifrar, aprender eu gostava como um jogo. Se soubesse que terrível é conhecer tudo subitamente, como si um relâmpago iluminasse a terra. Agora habito em um planeta doloroso, transparente como um gelo, mas que nada oculta, como se tudo se houvesse aprendido em segundos. Minhas amigas, minhas companheiras, se não feito mulheres devagarinho. Eu envelheci em instantes e tudo hoje é branco e lúcido. Sei que nada há atrás. Se houvesse, eu o veria. (ZAMORA, 1985, p.28)

Durante os quase trinta anos vividos após o acidente, Kahlo teve uma vida coroadada por êxitos e dor tanto física, quanto psíquica, uma carreira artística brilhante, casou com o homem que ela escolheu, participou ativamente na política de seu país. Foi professora

de pintura. Conquistou vários homens e mulheres, fez belas amizades que duraram toda a sua vida. Tirou seu sustento de seu trabalho. Sua obra foi reconhecida internacionalmente, tanto sua pintura, quanto sua escrita. Firmou seu nome como a grande artista mexicana do século XIX, como dizem os vários biógrafos que escreveram sobre sua vida e obra – uma pintora de direito próprio –. Enfim, foi uma mulher extremamente vaidosa. Nas últimas páginas de seu diário Kahlo escreve sobre a amputação de sua perna e fala do desejo de suicidar-se, diz:

11 de fevereiro de 1954 – Há seis meses amputaram-me a perna. Torturaram-me durante séculos e em alguns momentos quase enlouqueci. Continuo a sentir vontade de me suicidar Diego é quem me impede, despertando em mim a vaidade de pensar que posso fazer falta. Ele disse, e eu creio nele. Mas nunca sofri tanto na vida. Esperarei algum tempo. (KAHLO, 1995, p.144)

A amputação de sua perna foi um golpe muito grande em seu narcisismo. Ofendeu terrivelmente a sensibilidade estética de Kahlo, que segundo Ferreto, (*Apud* HERRERA, p.344) atingiu um nível mais profundo do seu ser, seu sentido de integridade e de respeito a si mesma estava relacionado com a vaidade, a qual caiu destroçada. Se desmoralizou tanto que não queria ver ninguém, nem à Diego, dizia: “Diz que estou dormindo”. Quando o recebia, se mostrava distante, indiferente. Ela não suportou. Rivera diz em sua autobiografia que após a perda da perna “Frida caiu em uma profunda depressão, já não queria que lhe falasse de minhas aventuras românticas, sobre as quais ela gostava de ouvir, desde nossas segundas bodas. Havia perdido a vontade de viver”. (*Apud* Herrera, p.344) Nesta época ela escreve o seguinte poema: *Está anoitecendo em minha vida*.

Caladamente, a pena  
Ruidosamente a dor  
O veneno acumulado...  
Me foi deixando o amor  
Mundo estranho já era o meu  
De silêncios criminais  
De alertas olhos alheios  
Equivocando os males  
Obscuridade no dia

As noites não as viviam  
Te estás matando  
Te estás matando  
Com a faca mórbida  
Das que estás vigiando!  
A culpa, a tive eu?  
Admito minha culpa grande  
Tão grande como a dor  
Era uma saída enorme por onde passei, meu amor  
Saída muito silenciosa  
Que me leva a morte  
Estava tão esquecida!  
Que esta seja minha melhor morte  
Te estás matando  
TE ESTÁS MATANDO  
Há aqueles; já não te esquecem!  
Aceitei sua mão forte  
*Aqui estou, para que vivam.*  
Frieda (HERRERA, 1984, p. 345)

No final do poema nos chama a atenção que Kahlo assina seu nome da forma como a família a chamava – *Frieda*.

Um ano antes de sua morte, sua última aparição em público, como artista, foi para inaugurar a primeira exposição individual em sua cidade natal, na Galeria de Lola Alvarez Bravo, impossibilitada e proibida pelos médicos de caminhar, Kahlo, numa atitude ímpar, mandou levar sua cama para a galeria de arte e foi de ambulância. Após receber a homenagem ela confidencia a um amigo “Só quero três coisas da vida: viver com Diego, seguir pintando e pertencer ao PCM – Partido Comunista Mexicano”. (HERRERA, 1984 p.354)

Onze dias antes de falecer, participou, de cadeira de rodas, da manifestação contra a queda do presidente do governo democrático da Guatemala (Jacobo Arbenz Guzmán), apesar de estar com pneumonia e da proibição médica.

Segundo Herrera paira uma dúvida quanto a sua morte, questiona-se ter sido um suicídio, pois na noite anterior a sua morte, ela entregou ao marido um presente pelos vinte e cinco anos de casamento, que seriam daí a dezessete dias, dizendo: “porque sinto que vou deixá-lo dentro de pouco tempo”. (HERRERA, 1984 p.355) Essa hipótese é sustentada através de várias outras tentativas de suicídio, feitas neste período. Em seu registro de óbito consta como causa de sua morte: embolia pulmonar não traumática e flebitis em membro inferior direito não traumático (Zamora, p.390). Em uma carta dirigida a Gómez Arias, em 1946, após uma cirurgia chamada por ela de *the big*, Kahlo relata que a fim de mitigar as dores no período pós-operatório, havia recorrido, em excesso, ao uso de morfina e desde então até sua morte ela dependeria para viver deste recurso, todos os dias eram injetadas doses cada vez maiores de demeral, um analgésico narcótico similar em qualidade a morfina. Este medicamento, do qual ela abusava nos últimos anos, pode chegar a produzir depressão e problemas circulatório e inclusive em casos extremos, conduzir a uma parada respiratória, choque anafilático e parada cardíaca, tudo o que pode ter contribuído para sua morte. (ZAMORA, 1987, p.124)

Oito dias antes de falecer, Kahlo nomeia seu último quadro – *Viva la vida* (1954), marca nele seu nome juntamente com sua cidade natal e seu país com uma cor forte vibrante, deixando a marca de toda sua paixão pela sua maior força de expressão, sua pintura. (HERRERA, 1984, p. 362)

No 13 de julho de 1954, pela manhã Kahlo foi encontrada morta. Ela estava com 47 anos.

## Vida amorosa

Em 1922, Frida conhece Diego Rivera que pinta um mural em sua escola – Escola Preparatória Nacional no México. Está com 15 anos, vai com uns colegas, assisti-lo e faz uma série de brincadeiras com ele, “molecadas”. No ano seguinte diz para suas amigas que ainda há de ter um filho com ele.

Nesta época, conhece Alejandro Gómez Arias, que estuda na mesma escola e tornam-se namorados. Este namoro não é aprovado nem pelos pais dela, nem pela mãe dele, mas foi muito intenso. As primeiras cartas de amor que Kahlo escreve são para ele.

Durante as suas vidas inteiras eles mantiveram contato. Foi em sua companhia que ela estava, quando sofreu o acidente, na volta da escola para casa. Ela o presenteou com o seu primeiro auto-retrato. O namoro durou até 1928 e foi ele quem terminou.

Neste mesmo ano Kahlo inicia o namoro com Diego Rivera. Segundo alguns autores foi em casa de uma fotógrafa amiga que aconteceu o reencontro de Kahlo e Rivera. Ela assim o relatou a Bambi – Ana Cecília Treviño, jornalista do Excelsior:

Depois do meu acidente e um ano de engessada comecei a pintar. Levei quatro quadros a Diego, que estava no andaime da Secretaria de Educação e sem mais nem menos lhe disse: ‘Diego desça’ e assim como ele é tão humilde, tão amável, desceu. ‘Olha, eu não venho te paquerar nem nada, embora você seja mulherengo, venho mostrar-lhe minha pintura. Se interessa me diga, se não também, para poder trabalhar em outra coisa, para meus pais’, Então, me disse: ‘Olhe, em primeiro lugar me interessa muito sua pintura, sobre tudo esse retrato seu que é o mais original. Os outros três me parecem influenciados pelo que você tenha visto. Vá para sua casa, pinte um quadro e no domingo que vem vou vê-la e lhe direi’. Assim o fiz e ele disse: ‘Você tem talento’. (ZAMORA, 1987, p.36)

Depois deste domingo, outros domingos vieram e assim o namoro começou. Em agosto de 1929, casaram-se numa cerimônia simples em sua Casa Azul em Coyoacán. Em 1940, casaram-se, pela segunda vez em São Francisco, Califórnia. Os dois casamentos de Rivera com Kahlo foram os únicos no civil, até sua morte. Essa relação torna-se uma paixão muito forte e vai permanecer até o final da vida de Kahlo. Tanto Kahlo quanto Rivera alimentavam essa paixão através de bilhetes, de cuidados, apesar das traições: ambos tiveram vários amantes.

No mês seguinte ao casamento, Rivera adoce e Kahlo cuida dele, acompanha-o nos compromissos e tenta fazer com que ele cumpra as ordens médicas. Neste primeiro ano de casamento o casal morou em Cuernavaca, em função do trabalho de Rivera. Kahlo engravidou e sofreu o seu primeiro aborto, e também sua primeira desilusão com Rivera. Ele teria tido uma aventura com uma jovem, sua assistente, Ione Robinson, num momento em que Frida necessitava de sua companhia. Apesar das aventuras extras conjugais, existia amor entre os dois, e uma necessidade de estarem juntos. Rivera costumava enviar cartas carinhosas, com ramalhetes de flores, para compensar suas ausências e desatenções. Segundo Mariana Morillo Safa, quem os conheceu na última década da vida de Kahlo recorda como ela o esperava chegar e como ele a tratava com carinho. “O tratava como a um deus e ele a ela, como a uma doce criatura”, diz Mariana. (*Apud*, HERRERA, 1984, p.100)

Em 1934 eles se separaram: Kahlo flagra Rivera numa relação sexual com sua irmã Cristina. Este fato causou muito sofrimento para ela que em represália, cortou os cabelos dos quais Rivera tanto gostava. Três meses após a separação, em 25 de dezembro, Rivera escreveu um recado para Kahlo: “A célebre pintora e distinguida dama Dona Frida Kahlo de Rivera, com o afeto, devoção e um profundo respeito de seu incondicional milagre”. (HERRERA, 1984, p.303) Mas o divórcio só se concretizou em 1939. Ela recorreu a um dos amigos *Cachuchas*, Manoel González Ramirez, para ajudá-la nos trâmites do divórcio. Desta vez Kahlo não só cortou os cabelos como voltou a usar roupas masculinas, como na adolescência, e pintou o quadro *Auto-retrato com Cabelo Cortado*. Numa carta, datada de 24 de outubro de 1940, endereçada a Emmy Lou Packard, ajudante de Rivera em São Francisco, Kahlo atribui seu divórcio a Lupe Marin. Escreve que:

O assunto com Guadalupe é algo que dá asco [...] Está furiosa porque eu vou voltar a casar com Diego [...] às vezes sinto vontade de voltar ao México e matá-la. [...] É repugnante ver que uma mulher pode vender todas as suas convicções os seus sentimentos só pelo desejo de dinheiro e escândalo. Não a suporto mais. *Ela me divorciou de Diego* (ZAMORA, 1987 p. 47)

Retornaram a Coyoacán, Kahlo se instalou na Casa Azul e nunca mais deixou de trabalhar. Rivera a incentivou a pintar, e esta é a época em que ela mais produziu. Expôs na França e em Nova Iorque. Anos mais tarde Rivera, falou sobre o divórcio em sua autobiografia:

Nunca fui... um esposo fiel, nem com Frida. Igualmente com Angelina e Lupe, consentiam meus caprichos e tinham aventuras. Então comecei a examinar a mim mesmo como cônjuge, comovido pelo extremo que havia chegado às condições de Frida (sua saúde). Achei muito poucos pontos a meu favor. Sem empecilho, sabia que não podia mudar. Frida me abandonou uma vez ao descobrir que tinha um romance com uma amiga (se refere a Cristina, sua cunhada). Regressou a mim com o orgulho um pouco diminuído, mas com o mesmo amor. A queria demasiado para desejar que sofresse e decidi separar-me dela para poupá-la de tormentos no futuro. Em princípio, só insinuei a possibilidade do divórcio, mas quando as indiretas não acharam resposta, sugeri abertamente. Frida, que já se havia recuperado, replicou com calma que preferia suportar o que fora para não me perder por completo. A situação piorava cada vez mais. Uma noite senti um impulso de falar-lhe pelo telefone para pedir-lhe consentimento para o divórcio. Desesperado inventei um pretexto estúpido e vulgar. Tinha pavor a uma grande e dilacerante discussão, tanto que sem refletir busquei o caminho mais rápido a minha meta. (HERRERA, 1984, p.235)

Em 1937, Leon Trotski chega ao México, com sua mulher Natália, se hospeda na Casa Azul e Kahlo torna-se amante de Trotski por uns seis meses. Devido à cabeleira e barba brancas ela se referia a ele como “o velho”. A atraía sua reputação de herói revolucionário, sua brilhante intelectualidade e sua força de caráter. Segundo Herrera, a evidente admiração, que este homem produzia em Rivera, intensificava esse tipo de sentimento em Frida – uma aventura com o amigo e ídolo político de seu esposo seria uma vingança perfeita pela relação entre ele e sua irmã, Cristina. Relata ainda que Kahlo fez todo tipo de sedução para cativar Trotsky, dava realce a sua intimidade falando em inglês, idioma que Natália não entendia. Jean van Heijenoort recorda que: “Frida não vacilava em falar a palavra ‘amor’, se despedia de Trotsky com os termos ‘todo meu amor’”. (Apud HERRERA, 1984, p.181) Porém, a própria Herrera acredita que tenha sido pouco provável que Kahlo tenha tido necessidade de inventar estratégias para atrair Trotsky, pois aos 29 anos se encontrava em um momento perfeito, no qual a formosura da juventude se funde com o caráter, para criar um atrativo mais forte. Para esta autora, há um toque de emoção explosiva, ainda que contida e uma certa diversão ligeiramente perversa, inclusive insolente, mas que sem dúvida, Frida Kahlo foi uma mulher que amou e foi amada pelos homens.

Ella Wolfe acredita que tenha sido Kahlo quem rompeu a relação. Segundo a autora, Trotsky escreveu uma carta de nove páginas para Kahlo, na qual suplica para que ela não se separe dele e diz o quanto significaram para ele, as semanas em que passaram juntos. Diz ela: “Foi um pedido que um jovem enamorado de 17 anos, havia dirigido a um ser amado, e não dele, um homem de mais de sessenta anos. Trotsky estava deveras apaixonado por Frida. Ela era muito importante para ele”. Esta carta Kahlo entregou para a amiga, Ella Wolfe, porque diz que era “linda” e solicitou que depois de lê-la a rasgasse, o que a amiga fez e disse ainda: “Estou muito cansada do velho”. (Apud HERRERA, 1984 p.183)

Após o rompimento, ficou uma certa intimidade entre Kahlo e Trotsky, mas já não havia mais cartas secretas, nem indiretas e nem mesmo Kahlo pronunciava a palavra ‘amor’ ao se despedirem. Simplesmente se tornaram bons amigos. Em um filme feito, em Coyoacán no ano de 1938 que mostra Trotsky, Natalia, Kahlo, Rivera, Jean Von Heijenoort e outros, Kahlo se encolhe amorosamente nas pernas de Rivera e assim provoca suspeita de que está causando ciúmes em seu antigo amante, com um sorriso provocante. Vários meses após o final da aventura, em 07 de novembro, aniversário da Revolução Russa e aniversário de Trotsky, Kahlo o presenteia com um auto-retrato, no qual ela traz uma folha de papel nas

mãos com o seguinte escrito: “Para Leon Trotsky, com todo carinho dedico esta pintura em 07 de novembro de 1937. Frida Kahlo, San Ángel, México”. (Taschen,1994, p. 40) Referindo-se a este quadro, André Breton dirá:

Faz muito tempo que admiro o auto-retrato de Frida Kahlo de Rivera que adorna uma parede do estúdio de Trotsky. [...] Temos o prazer de presenciar, igual aos dias mais gloriosos do romantismo alemão, a aparição de uma jovem mulher dotada de todos os poderes de sedução e acostumada à companhia de homens geniais. [...] Não existe obra de arte que seja mais marcadamente feminina, no sentido de que, para ser tão sedutora como é possível, está disposta, de maneira total, a alterar entre o jogo de ser absolutamente pura ou absolutamente malvada. A arte de Frida Kahlo é como uma cinta que envolve uma bomba”. (Apud HERRERA, 1984, p.184)

Em outubro de 1938, Kahlo viaja para Nova York e tem um caso com Nickolas Muray, fotógrafo nascido na Hungria. Em abril de 1939, retorna ao México. por causa do término do romance com Muray e se lamenta por uma razão cruel: “seus padecimentos físicos a impediram da livre expressão do amor sexual”. (HERRERA, 1984, p.230) Pela correspondência trocada entre os dois, percebe-se que esta foi uma relação de muito amor. É possível que Rivera tenha tomado conhecimento da aventura de Kahlo e Muray e da verdadeira paixão que ele inspirou nela, despertando ciúmes fora do normal. Uma outra versão é que o casal Rivera tinha problemas sexuais em função da fragilidade física ou da falta de disposição de Kahlo, o que a impedia de satisfazer as necessidades sexuais de seu esposo. Segundo Herrera “outras pessoas afirmam que Rivera sofria de impotência” (Apud HERRERA, 1984 p. 232). Outra teoria é a de que Rivera queria proteger Kahlo contra possíveis represálias causadas pelas atividades políticas dele. É neste contexto que acontece o divórcio, no final de 1939.

Os dois pintores estão pintando uma estrela de cinema norte-americana, Paulette Goddard, que estava hospedada num hotel, em frente a casa de Rivera em San Angel e com quem Rivera também teve um envolvimento amoroso. Kahlo ficou com ciúmes e travou com ela uma amizade íntima, em 1941, pintou um quadro para ela – *A Canastra de Flores*. Em seguida, Rivera teve um caso com uma atriz Irene Bohus, que foi sua assistente. Frida também teve ciúmes dela e com o tempo as duas desenvolveram uma relação de muita intimidade. Bohus acabou abandonando Rivera e o trabalho, porque sua mãe não aceitava que ela convivesse com um homem, sem casamento. Rivera a substituiu por Emmy Lou Packard, outra assistente que compartilhava com ele seu estúdio. Esta veio a ser confidente de Kahlo.

No final de 1940, Frida Kahlo está em São Francisco e conhece Heinz Berggruen, um refugiado da Alemanha nazista, de 25 anos. Ela estava com 33 anos, eles têm um breve romance. Ele trabalhava como funcionário de relações públicas para a Exposição Internacional de Golden Gate. Kahlo viajou com ele para Nova Iorque e ao retornar para San Francisco terminou o romance e nunca mais o viu. Ele foi muito apaixonado por ela e sofreu com o rompimento. Mais tarde, tornou-se um respeitado comerciante de arte.

Em dezembro de 1940, Kahlo e Rivera se casam pela segunda vez, em San Francisco e retornam para o México. Nesta época, ela conhece Isamu Noguchi, um pintor e escultor americano, considerado o precursor da escultura abstrata, ele combina a sutileza oriental com a sofisticação da arte ocidental. Ele está no México e tem com Frida um caso. Em meados de 1946, é a última vez que Kahlo vê Noguchi, numa visita que ele fará a ela no hospital em Nova Iorque, onde ela está se recuperando de uma cirurgia. Kahlo retorna a Coyoacán em outubro deste mesmo ano.

No início deste ano, 1946, Kahlo inicia um romance com um pintor refugiado da Espanha, que viveu no México e morou em Coyoacán. Foi uma relação que ela quis manter no anonimato. Segundo Herrera, Rivera teve um tipo de acordo com equidade. Porém as cartas de Kahlo revelam que ela procurava ocultar de Rivera esta aventura. Após uma viagem que fez com seu amante, este ficou nos Estados Unidos e ela enviava cartas para sua amiga, Ella Wolfe, encaminhar para ele. Esta relação só terminará em 1952. (HERRERA, 1984, p.306)

Com o passar dos anos os problemas físicos de Kahlo tornaram-se mais difíceis o contato com o sexo oposto e ela se dedicou mais às mulheres, freqüentemente as mesmas com as quais Rivera tinha romances. Segundo Raquel Tíbol, Kahlo “se consolava cultivando a amizade das mulheres com quem Diego tinha relações amorosas”. (Apud HERRERA, 1984, p.307) Uma delas foi a estrela de cinema Maria Félix, cujo romance se converteu em escândalo. Após posar para Rivera para um quadro sensual, se negou a emprestar o retrato para a exposição que o pintor estava preparando para o Palácio de Belas Artes. Imediatamente, ele preparou outro nú, da poetiza Pita Amor. Três jornais noticiaram, porém, que Maria Félix havia aceitado a proposta de casamento de Rivera, com a condição de incluir na relação uma jovem de 22 anos, espanhola, refugiada que serviu de enfermeira e companheira de Kahlo. Rivera negou que tal aventura tivesse algo a ver com a decisão de se divorciar de Kahlo, e afirmou: “Adoro Frida, mas creio que minha presença é muito

prejudicial para sua saúde”. Admitiu que estava enamorado de Maria Félix, “como outros cinquenta mil mexicanos” (HERRERA, 1984, p.308) Houve uma celeuma em torno desta relação, e um dos boatos é de que Kahlo teria alugado um apartamento próximo do monumento da Revolução, no centro do México, para estar afastada de Rivera por uns meses. Lá, ela quase morreu em um incêndio, causado por uma vela acesa que caiu e começou a queimar sua saia. Foi salva por um empregado do prédio que escutou seus gritos, e assim Frida convenceu Rivera a voltar para ela.

Rivera e Kahlo faziam um jogo com a imprensa em torno de suas relações amorosas. Entre Kahlo e Rivera, parecia haver uma grande cumplicidade, pois estavam sempre envolvidos em triângulos amorosos. Quase sempre, era Kahlo quem seduzia as amantes de Rivera. Quando perguntado por algum repórter sobre o divórcio, Rivera zombava, inventando siglas para se referir às suas mulheres: FUF – Frente Unida das Feias e FUA – Frente Unida das Abandonadas. Talvez tudo isto explique o fato de Frida ter exigido, que o segundo casamento com Rivera fosse sem sexo.

Em um determinado momento Kahlo disse que “sofreu dois acidentes em sua vida. O primeiro ocorreu quando um bonde me atropelou... o outro acidente é Diego”. (HERRERA, 1984, p. 98)

As amizades mais estreitas de Kahlo, na última década de sua vida, foram: María Félix, Teresa Proenza, Elena Vázquez Gómez e a artista Machila Armida. Estes nomes, juntamente com os de Rivera e Irene Bohus, foram escritos com tinta cor de rosa na parede de sua casa.

Kahlo escreve em seu diário: “Por que o chamo de meu Diego? Nunca foi nem será meu. Ele pertence a si mesmo” e faz um tipo de reverência a ele, sob a forma de poema:

Diego começo  
Diego construtor  
Diego meu menino  
Diego meu namorado  
Diego pintor  
Diego meu amante  
Diego “meu esposo”  
Diego meu amigo  
Diego minha mãe  
Diego meu pai

Diego meu filho

Diego = eu =

Diego Universo

Diversidade *na* unidade. (KAHLO, [1907-1954], 1995, p.235).

## A Arte

A arte de Frida Kahlo poderíamos dizer que é marcada pelo excesso. Excesso de cor, de dor, de alegria e de uma angústia própria ao feminino. De uma beleza marcante, pois, não só se apresenta com características evidentes do seu sofrimento, mas transporta para a tela uma beleza pungente tomada pela intensidade e pelo excesso de sua dor. Sua obra, assim como a arte em geral, é o resultado de uma experiência pessoal expressada na tela, guiada pela fantasia. Ficção e realidade bailam em seu pincel, num mundo de cores. Usa a cor como sinônimo de vida. Kahlo consegue realizar, em seu trabalho, a fabulosa criação de destinos possíveis para as forças pulsionais, que a invadem, inscrevendo a pulsão no registro da simbolização, sublimando-a, dando um contorno a esse vazio do indizível através de sua obra. Em sua estética, o desejo impossibilitado de ser expressado no campo da destruição absoluta, é presentificado através do belo. O fenômeno estético entendido pelo que pode ser identificável ao belo, funciona como uma saída, frente ao campo indizível do desejo. Por essa exibição do belo, do belo em seu brilho e esplendor, evita-se o mal, que é do campo de destruição, o campo do desejo, da pura pulsão de morte. É pela articulação da fantasia com a sua tragédia, que o artista, como o sujeito que o habita, pode sustentar-se em seu desejo. Sua produção torna-se a ética que o move em direção à repetição do gesto criativo. Peres, em seu trabalho sobre a artista, nos diz que: “Frida é destacada pelo caráter sensual e feminino de seus trabalhos, sendo considerada como uma das primeiras artistas a romper com os padrões masculinos da pintura.” (PERES, 2002, p.1) Freud em seu texto *Escritores criativos e devaneios* (1908 [1907]) compreende a obra de arte como um substituto do que foi o brincar infantil, uma vez que aproxima o artista da criança, que ao brincar, cria um mundo próprio, mantendo, com isso, uma nítida separação entre seu mundo de fantasia e a realidade, que leva muito a sério. Ele nos diz que “a antítese do brincar não é o que é sério, mas o que é real”. (1908, v: IX, p. 135) Nossa artista, Frida Kahlo, parece comprovar essa assertiva ao retirar de seu brincar, em sua primeira infância, a criação de um dos seus mais belos quadro – *As duas Fridas* – Da invasão do real, de um acidente, que transformou sua vida, inventa sua arte, cria

a partir do vazio que se tornou sua vida. Antônio Quinet, em seu seminário *Arte e Psicanálise*, diz: “Na verdade, acho que podemos encontrar em Freud, que tudo que o sujeito sublima, já se encontra no sujeito”. (QUINET, 2007, p.3) Em Kahlo esse germe já existia, porém, foi a partir do acidente que cria sua obra para suportar a dor de existir, uma dor tanto no corpo, quanto na alma.

A sublimação, um dos destinos específicos da pulsão, consiste em uma substituição do objetivo sexual, por outro mais valorizado socialmente. É a capacidade do sujeito investir em atividades artísticas, intelectuais, políticas e científicas, denominadas por Freud como atividades superiores. É o exercício da sexualidade, desviado dos fins de reprodução e voltado para outras finalidades relevantes e construtivas. É um destino pulsional com um endereçamento ao Outro da cultura, o sujeito escreve a sua obra na história da arte, cria sua obra. O Outro da cultura está presente, o Outro da história está presente. Freud no texto *Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna* (1908) nos ensina que: a sublimação é também uma forma de dominação da pulsão, talvez a melhor, porque não o faz recalçando ou reprimindo, mas é dominando para ser com esses fins culturais. O direcionamento da pulsão sexual não visa à relação sexual com o outro, mas dirigida ao outro da cultura, sempre importante no conceito de sublimação. A obra de Frida Kahlo, ao nosso ver, teve um endereçamento. Sublimar é isso, oferecer uma representação estética no lugar onde a “relação” sexual esperada no exercício fálico, o fazer do artista transmuta-a em paixão do significante. E não se pode negar que a obra de Frida Kahlo é a verdadeira representação de tudo que foi dito. A artista fez sua história e é ainda hoje uma das maiores artistas mexicana, reconhecida internacionalmente.

## A política

A política teve um papel importante na vida de Frida Kahlo. Aos três anos de idade estourou a Revolução Mexicana, e mais tarde ela registra em seu diário: “Recordo de ter quatro anos (em realidade tinha cinco) quando teve lugar a “dezena trágica”. Com meus próprios olhos vi a batalha entre os camponeses de Zapata e os carrancistas”. (HERRERA, 1984 p.23)

Desde muito cedo simpatizava com o comunismo. Aos 20 anos aderiu à Liga da Juventude Comunista, mais tarde fez parte do Partido Comunista Mexicano.

Vamos traçar um breve histórico sobre a Revolução Mexicana, a fim de situar o momento político, no qual Frida Kahlo foi inserida.

A Revolução Mexicana foi um movimento armado, social e cultural, iniciado no México, em 1910, contra a ditadura do General Porfírio Díaz Mori e que culminou oficialmente com a promulgação de uma nova constituição, sete anos depois. Este movimento teve grande impacto, nos círculos: operários, agrários e anarquistas internacionais, pois a Constituição de 1917 foi a primeira no mundo a reconhecer as garantias sociais e os direitos coletivos dos trabalhadores.

A luta armada começou depois da fraude eleitoral perpetrada, em 1910, pelo General Porfírio Díaz Mori, que se tinha mantido de maneira quase ininterrupta, na presidência do México, desde 1876. A presidência de Díaz era caracterizada por impulsionar a industrialização e pacificação do país, ao custo da exploração das classes camponesa e operária, concentrando a riqueza, o poder político e o acesso à educação num punhado de famílias possuidoras de grandes latifúndios e em algumas empresas de origem estrangeira, principalmente francesas, britânicas e estadunidenses.

A política, aparece na vida de Frida Kahlo, desde muito cedo. Sua casa fora aberta por sua mãe para dar entrada aos zapatistas (guerrilheiros de Emiliano Zapata Salazar, principal figura política do país e defensor do povo) se encarregando dos feridos e dos famintos. Diz ela:

Minha mãe abriu as janelas que davam para a Rua Allende para dar entrada aos zapatistas e se encarregou dos feridos. [...] Durante 1914, só se ouvia o assóvio das balas. Todavia recordo seu extraordinário som. [...] Cristi e eu contávamos as balas, trancando-nos em um grande armário que havia de madeira de nogueira, enquanto meus pais vigiavam para que não caíssemos nas mãos dos guerrilheiros. [...] Da janela também pude ver como um zapatista, que havia se ferido no joelho por um balaço, se abaixou para poder calçar suas botas. (HERRERA, 1984 p.23)

Mais tarde, na adolescência, ela participa de um grupo chamado *Os Cachuchas*, composto por sete homens e duas mulheres da Escola Nacional Preparatória. Aos 20 anos, ingressa na Liga da Juventude Comunista que fazia parte do Partido Comunista Mexicano. Ao longo de toda sua vida sempre apoiou as causas patrocinadas pelo Partido. Lowe escreve em seu ensaio, no Diário de Frida Kahlo, que:

O interesse de Frida Kahlo pelo comunismo deslocou-se da consciência social para uma busca epistemológica, talvez religiosa, de “pilares” destinados a sustentar sua fé. Sua crença na secular herança mexicana era consoladora. Combinando o comunismo com essa convicção, Kahlo moldou um ideal nada complicado, pois não levava em consideração as realidades dos dois regimes, ou seja, nem a sede de sangue e a divisão de classe dos astecas, nem as práticas autoritárias e burocráticas de Stálin. Kahlo filtrava e purificava a visão de sua dupla fé, reverenciando a ambas como forças idealizadoras que lhe proporcionavam energia, especialmente quando percebeu que sua vida estava chegando ao fim. (LOWE, 1995. p.28)

Aproximadamente em 1934, as tendências políticas do México, giraram em torno da esquerda com a eleição de Lázaro Cárdenas. Apesar do giro da política nacional, o Partido Comunista seguia atacando Rivera. Em 1933, quando Leon Trotsky se convenceu de que era impossível ficar na mesma Internacional Comunista, de Stalin e começou a formar a Quarta Internacional, Rivera se declarou simpatizante do movimento trotskista. Porém não se filiou ao setor mexicano do partido de Trotsky, até 1936. Rivera também acreditava, assim como Trotsky, no internacionalismo revolucionário, doutrina oposta ao “socialismo em um só país” defendido por Stálin. Rivera simpatizava particularmente com a figura heróica do líder exilado Trotsky, pois o Partido Comunista Mexicano, que apoiava Stálin, o havia expulsado e ultrajado.

No México, como em outras partes do mundo ocidental, o conflito entre stalinistas e trotskistas assumiu formas virulentas. Todas as cidades falavam das brigas dos artistas politizados. Os comunistas ortodoxos proferiam injúrias contra Rivera, não por ser trotskista. Embora sua obra fosse política, pintava nos palácios e suas obras eram para os turistas gringos: “que tipo de revolucionário era, então?”, criticavam. (HERRERA, 1984, p.175)

Frida Kahlo compartilha o entusiasmo que Rivera sentia por Trotsky, mas não se filiou ao partido trotskista. A Guerra Civil Espanhola, que começou em 18 de julho de 1936, reascendeu o entusiasmo político de Kahlo. Segundo Herrera, opinava que a luta da República Espanhola contra a subversão de Franco representava “a esperança mais viva e forte (que temos) de que se afaste do fascismo no mundo”. Junto com outros simpatizantes leais, ela e Rivera formaram um comitê que se encarregou de conseguir dinheiro para um grupo de milicianos espanhóis, que chegaram ao México, em busca de ajuda econômica. Kahlo pertencia à “Delegação do Exterior” e se dedicava a entrar em contato com pessoas e organizações radicadas fora do México, a fim de reunir fundos.

A participação de Kahlo na agitação política entre, 1936 e 1937, serviu tanto para concentrar sua energia, quanto para acercá-la de Diego, que necessitava de ajuda. Ele

estava com problemas de saúde, oculares e renais, passando semanas inteiras no hospital. A saúde dela nesta época era boa, com exceção do pé, que havia sido operado de novo em 1936.

Em dezembro de 1936, o casal Trotsky embarcou em Oslo rumo ao México. Rivera se filiou ao setor mexicano da Liga Internacional Comunista (trotskista), em setembro de 1936. Em novembro deste mesmo ano, recebeu um telegrama urgente de Anita Brenner (1905-1974) de Nova Iorque, – doutora em antropologia, jornalista e autora de livros sobre o México. Era amiga do presidente Lázaro Cárdenaz e foi a primeira correspondente estrangeira a obter uma declaração política durante a expropriação do petróleo, em 1938. Ela informava que era questão de vida ou morte averiguar com urgência se o governo mexicano estava disposto a conceder asilo político a Trotsky. O comitê político da organização se reuniu, em seguida, e resolveu enviar, secretamente, Rivera e Octavio Fernández, para consultar o presidente Cárdenas. Este último era um líder dentro do grupo trotskista mexicano. O presidente concedeu asilo a Trotsky com a condição de que este se comprometesse a não se intrometer nos assuntos internos do México.

Em 09 de janeiro de 1937, o casal desembarcou em Tampico, cercado de todo cuidado. Foram recebidos por Max Shachtman, fundador do movimento trotskista norte-americano e por George Novak, secretário do Comitê Norte-americano para a Defesa de León Trotsky, outros membros do partido, autoridades locais e federais, jornalistas mexicanos e estrangeiros e Frida Kahlo, que foi representando seu esposo, Diego Rivera, que se encontrava hospitalizado. Seria um momento triunfal para ele, como admitiu Trotsky mais tarde: “Estamos particularmente agradecidos a ele, Rivera, por nossa libertação do cativeiro na Noruega. Ao longo de quatro meses de cativeiro e isolamento, esse encontro com amigos foi especialmente cordial”. (HERRERA, 1984, p.177)

A comitiva que seguiu de Lechería, por precaução, teve que esperar muito para poder descer do trem. Apesar de todos os esforços para desviar a atenção alguns fotógrafos, incluindo Agustín Victor Casasola (1874-1938; grande fotógrafo da Revolução), conseguiram estar ali, para presenciar o momento em que Trotsky, Natalia e Frida desceriam do trem. Trotsky abraçou Rivera. Foram imediatamente para a Casa Azul, em Coyoacán, passando pelas ruas secundárias. A irmã de Kahlo, Cristina, que morava na casa, mudou-se para outra próxima, na rua Aguayo, que provavelmente Rivera comprou para ela. Guillermo Kahlo, pai de Kahlo, foi morar com sua outra irmã, Adriana, só deixando num quarto da Casa Azul seus aparatos fotográficos. Quando o grupo chegou por volta do meio dia, a casa estava rodeada de

policiais, protegendo-a. Como nem Trotsky, nem a esposa, Natalia Sedova, falavam espanhol, ficou decidido que Kahlo seria sua principal conselheira e guia, sua irmã Cristina, seria a motorista. Como medida de segurança, todas as janelas foram revestidas com ladrilhos e Rivera comprou a casa ao lado e construiu uma ligação entre as duas casas, unindo as propriedades, o que possibilitou, mais tarde, a ampliação do jardim e a construção de um estúdio para Kahlo.

Trotsky solicitou a formação de um comitê internacional, para análise da evidência usada contra ele, por Moscou. Trabalhou muito acelerado para preparar a declaração. Este comitê consistiu em seis norte-americanos, um francês, dois alemães, um italiano e um mexicano. O educador e filósofo estadunidense John Dewey funcionou como presidente. A Casa Azul foi preparada com toda segurança para realização das sessões. Foram acomodados quarenta acentos para jornalistas e convidados. Trotsky, seu secretário, Natalia e os membros do comitê sentaram-se atrás de uma mesa larga. O policiamento foi reforçado a fim de evitar acesso de assassinos e sabotadores.

A primeira das treze sessões se realizou no dia 10 de abril de 1937. O “juízo” durou uma semana. Neste primeiro dia, Diego Rivera chegou com enorme chapéu decorado com uma pluma de pavão real. Frida Kahlo se enfeitou com jóias *taracas* e trajes indígenas e sentou-se o mais próxima possível de Trotsky, que respondeu as perguntas de seus oponentes com sua precisão característica, e o manejo seguro da grande quantidade de informações que havia reunido para desacreditar seus acusadores. Em setembro, o comitê deu o veredicto – Trotsky era inocente.

A despeito da idade, Trotsky é descrito como tendo uma boa presença física. Ele se conduzia como um herói, com gestos dinâmicos e passos severos. Tinha um olhar penetrante, em seus olhos azuis, e sua mandíbula firme tornava patente seu fervor e tenacidade intelectual. Apesar de ter senso de humor, era rigoroso e imponente. Estava acostumado a conseguir o que queria. Tinha um vigoroso interesse por sexo. Na presença de mulheres ficava particularmente entretido e engenhoso. Nas conquistas amorosas não era sentimental, era direto e às vezes tosco; costumava acariciar o joelho de uma mulher debaixo da mesa ou fazer proposta descaradas e francas. Num certo momento, nutriu um desejo por Cristina, irmã de Kahlo, o que o levou a começar a praticar exercícios físicos, similar a os usados para caso de incêndios, prática que incluía escapar de noite pulando por cima do muro

do jardim e uma corrida até casa dela. Os amigos conseguiram dissuadi-lo dessa prática imprudente, pois Cristina não se interessava por ele.

Trotsky começou a escrever cartas que colocava dentro dos livros que recomendava a Kahlo e os entregava ao se despedir dela, freqüentemente na frente de Rivera e de sua esposa. Semanas após a finalização das sessões realizadas pelo Comitê Dewey, iniciou-se uma aventura amorosa entre eles. Os encontros aconteciam na casa da irmã de Kahlo, Cristina. Segundo Herrera, Rivera ignorou a existência desta relação.

Em janeiro de 1939, Kahlo viajou para França para participar de uma exposição organizada por André Breton, seguindo para Nova Iorque. Em Paris, Kahlo representou o México, em reuniões trotskistas, ficando com este grupo até sair de Paris, tendo inclusive uma aventura com um de seus membros. Estava disposta a apoiar Diego, quando soube que ele havia brigado com Trotsky, pois os conflitos de personalidades e políticos começaram a corroer a amizade dos dois, após a partida de Kahlo. Segundo relatos, as reações imprevisíveis e a tendência imoderada das fantasias próprias de Rivera, irritavam Trotsky. A incompatibilidade entre o temperamento dos dois homens motivou o rompimento entre eles. No dia 02 de novembro, Rivera apareceu em Coyoacán com o espírito travesso, levou para Trotsky uma grande caveira roxa, de açúcar, com o nome “Stalin” escrito em branco na frente. Trotsky não aprovou a brincadeira, nem o presente e depois da saída de Rivera disse, a Jean van Heijenoort, que o destruiria.

No início de janeiro, Rivera se retirou da Quarta Internacional. No dia 11 de janeiro, Trotsky afirmou através da imprensa mexicana, que já não sentia solidariedade moral em Rivera e que deste momento em diante não poderia mais continuar aceitando sua hospitalidade. Porém, no dia seguinte, Trotsky escreveu para Kahlo sobre os conflitos, em busca de sua ajuda, para que ela falasse com Rivera para desistir de querer ser secretário do Partido, uma vez que ele não precisava provar que era um autêntico revolucionário.

Após a ruptura, Trotsky tentou persuadir Rivera a aceitar dinheiro como pagamento do aluguel da Casa Azul, até encontrar outro lugar para viver, Rivera não aceitou e em abril de 1939, Trotsky e sua comitiva mudaram-se para uma rua próxima à Casa Azul, na avenida Viena, deixando lá o auto-retrato e uma caneta, presenteados por Kahlo a ele. Kahlo também se distanciou de Trotsky, mas guardou um certo carinho por ele, mesmo depois de

sua morte. Em 1946, não quis emprestar a Rivera a caneta, de Trotsky que Rivera queria para assinar sua readmissão no Partido Comunista. Kahlo era indulgente aos caprichos políticos de Rivera, mas também respeitava a recordação de seu antigo amigo. Kahlo também se afastou de Trotsky quando entrou de novo no Partido Comunista e declarou que a carta que ele lhe enviara era “completamente ridícula”. (HERRERA, 1984, p.177)

Em 24 de maio de 1940, a residência de Trotsky foi invadida por um grupo de stalinistas, incluindo o pintor David Alaro Siqueiros, esta tentativa falhou. Devido a ruptura entre Trotsky e Rivera, este, procurado pela polícia, ficou escondido durante um mês até conseguir sair do país com seu passaporte com destino a São Francisco com a proposta de pintar um mural na biblioteca de São Francisco Colégio Junior e executá-lo em público na Ilha do Tesouro. Este mural tornou-se um manifesto da atitude contemporânea de Rivera. Apesar do rompimento com Trotsky, Rivera seguiu sendo por uns anos um opositor fervoroso de Stalin. Depois de concretizar o pacto entre Stalin e Hitler em 1939, Rivera se converteu em advogado apaixonado da solidariedade pan-americana, em oposição ao totalitarismo. Em carta aberta a Sigmund Firestone, em janeiro de 1941, Rivera diz que sua verdadeira meta política era o estabelecimento de “uma cidadania comum” para todos os habitantes da América e a destruição dos principais totalitários da época – Hitler, Mussolini e Stalin. (HERRERA, 1984, p.250)

Três meses após a tentativa de assassinato de Trotsky e a partida de Rivera para os Estados Unidos, Kahlo adoece. Ramón Mercader, que havia conquistado a amizade e confiança de Frida Kahlo, assassinou Trotsky. Kahlo muito perturbada fala com Rivera por telefone e diz: “Mataram o velho Trotsky esta manhã. Estúpido, o mataram por tua culpa. Por que fugiste?” (HERRERA, 1984, p.250). Por ter conhecido Mercader em Paris e tê-lo recebido em sua casa, Kahlo foi levada pela polícia e interrogada durante doze horas. A polícia saqueou a casa de Rivera em San Angel, roubaram objetos de valor, levaram tudo. Kahlo, que já sabia que eles iriam a sua casa, conseguiu juntar todos os papéis com conteúdos políticos, escondendo-os no sótão da casa grande. Foram trinta e sete policiais que levaram Kahlo e sua irmã, Cristina. Passaram dois dias na prisão, foram liberadas após suplicarem a um policial: “Tenha a bondade, não há nada de mais em dar de comer aos filhos pequenos de minha irmã. Nos soltaram ao fim de dois dias porque não éramos culpadas do assassinato e nem da tentativa da qual Siqueiros participou”. (HERRERA, 1984, p.251)

Depois da guerra, Rivera conseguiu sua readmissão no Partido Comunista e declarou com orgulho que obteve asilo político para Trotsky com a intenção de mandar

assassiná-lo. Segundo relatos, algumas pessoas acreditam que Rivera e Kahlo haviam participado de uma conspiração para matar o russo. Porém, para Herrera, essa idéia parece inverossímil, pois apesar dos Rivera não aprovarem a moral convencional, eles não eram amorais e amavam demasiadamente a vida para serem capazes de um assassinato. As declarações exageradas de Rivera são típicas de um oportunismo político. Outra afirmativa estapafúrdia de Rivera foi, por ocasião da visita ao México do poeta chileno Pablo Neruda, em 1940, de afirmar que ele, Rivera, era judeu. (HERRERA, 1984, p.251)

Segundo Herrera as simpatias políticas de Kahlo e a intensidade de suas convicções seguem sendo algo polêmico. Ela, a exemplo de Rivera, também solicitou sua readmissão no Partido Comunista. Mas, ironicamente os comunistas demoraram a aceitar a solicitação de Rivera, só o aceitando em 1954. Kahlo foi aceita em 1948, talvez por não ter declarado formalmente ser partidária do trotskismo. Mas teve que suportar o ritual humilhante da “autocrítica”, exigida pela ortodoxia do Partido. Ela sempre se referia a seus alunos como ‘camaradas’ e Rivera falando sobre o ímpeto político de sua esposa disse: “Alentava o desenvolvimento de um estilo pessoal de pintura. Incentivava seus discípulos a manter-se firmes suas opiniões políticas e sociais”. (HERRERA, 1984, p.285) Seus alunos, homens, a descrevem como uma militante política, mas a única mulher entre eles, Fanny Rabel, recorda-a tomando posições com aspetos humanistas e não como uma mulher politizada.

Na década de quarenta, Kahlo pôs ênfase no conteúdo social da arte e tomou um grande interesse no desenvolvimento político dos seus jovens protegidos. Recomendava a literatura marxista e os envolvia nas discussões políticas entre ela e Rivera. Declarava que a pintura deveria atuar dentro da sociedade. Admitia que ela mesma era incapaz de produzir quadros com mensagem política, alentava seus discípulos a seguir a tradição, estabelecida por Rivera, o realismo “mexicanista” com uma consciência social, em lugar de aderir a corrente de pintura moderna de cavalete, inspirada nos movimentos europeus. (HERRERA, 1984 p.286).

Mas numa carta a Antonio Rodríguez em 1952, Frida Kahlo escreve sobre sua arte:

Quisera ser merecedora, junto com minha pintura, do povo que pertenço e das idéias que me dão força... Quisera que minha obra contribuísse para a luta do povo pela paz e pela liberdade. (HERRERA, 1984, p.222)

Este recorte revela que para Kahlo a pintura unia pela via da sublimação arte e política.

Finalizando, questionamos: até que ponto podemos pensar que para Frida Kahlo mais além dos impasses mortíferos, o seu desejo de viver seria impulsionado pelo dom que a levou a sublimar a sua frustração? E o seu percurso na arte, na política, nos amores, na vida, qual a relação com a fantasia, em sua vida e obra? Freud vai dizer que o “escritor suaviza o caráter de seus devaneios egoístas por meio de alterações e disfarces, e nos suborna com o prazer puramente formal, isto é, estético, que nos oferece na apresentação de suas fantasias”. (FREUD, 1908, p.142) Em sua obra, Kahlo nos oferece a visão de uma realidade impactante. Parece não usar disfarces, mas exibir uma experiência vivida no real do corpo, um vazio que sua obra tenta preencher, contornando-o tal qual como nos ensina Lacan quando diz que a arte “se caracteriza por um certo modo de organização em torno desse vazio”. (LACAN, 1959, p.162) Pois foi diante da cena real do acidente, que seus sonhos pareceram se findar ali. Foi aí que, frente ao real, ao impossível, à impotência, à frustração, Kahlo fez uma “escolha forçada” como sujeito do inconsciente. Passa, então a produzir uma belíssima obra, cuja dor e cores são intensas e reproduzidas nas suas pinturas.

Encerramos com uma citação de Peres: “Na pintura o encontro maior, de uma história não apenas de uma mulher, mas de um povo que se viu transpassado por muitas flechas”. (PERES, 2002, p.42)

## REFERÊNCIAS

- BURKE, Marcus B. *Mexican Art Masterpieces*. New York: Hugh Lauter Levin Associates, Inc., 1998.
- CORREIA, Adriano. *Hannah Arendt*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2007. (Passo-a-passo, v. 73)
- GRIMBERG, Salomon. *Frida Kahlo*. World Publications Group, Inc. North Dighton, 1997.
- HERRERA, Hayden. *Frida: una biografía de Frida Kahlo*. México: Editorial Diana, 1984.
- JONES, Ernest. *A vida e a obra de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, Imago Ed., 1989.
- KAHLO, Frida. *Cartas apaixonadas de Frida Kahlo*/compilação Martha Zamora: Vera Ribeiro. 3ª ed. – Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

\_\_\_\_\_. *El diario de Frida Kahlo: Un íntimo autorretrato / introducción de Carlos Fuentes; ensayo y comentarios de Sarah M. Lowe.* Versal, A. G., S., L. Madrid (España) 2005.

FREUD, Sigmund, 1856-1939. *Escritores criativos e devaneios.* (1908 [1907]). V: IX.

In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira, 2ª ed. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

KETTENMANN, Andrea. *Kahlo (1907-1954).* Benedikt Taschen, köln.1994.

LACAN, Jacques, 1901-1981. *Pequenos comentários à margem.* In: O seminário, livro 7: *A ética da psicanálise / Jacques Lacan; texto estabelecido por Jacques Alain-Miller; tradução de Antônio Quinet.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

\_\_\_\_\_. *A esquizo do olho e do olhar.* In: O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise / Jacques Lacan; texto estabelecido por Jacques Alain-Miller; tradução de MD Magno. – 2.ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

\_\_\_\_\_. *A anamorfose.* In: O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise / Jacques Lacan; texto estabelecido por Jacques Alain-Miller; tradução de MD Magno. – 2.ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

LE CLÉZIO, Jean-Marie Gustave. *Diego e Frida.* Editora Página Aberta Ltda. Rio de Janeiro, 1994.

MASSON, Jeffrey Moussaieff. *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess – 1887-1904.* Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

MAURANO, Denise. *Para que serve a psicanálise?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. (Passo-a-passo, v. 21)

PERES, Urânia Tourinho. *Frida Kahlo: Arte e Dor – Quando a perda é no corpo.* Trabalho apresentado no Colégio de Psicanálise da Bahia. 5/6 de abril de 2002.

POLLO, Vera. *O corpo e a falta-a-saber.* In: O corpo da psicanálise – Escola Letra Freudiana Rio de Janeiro: Ano XVII no. 27. (2000).

QUINET, Antônio. *Psicanálise e arte.* In: Seminário de conexões. Formações Clínicas do Campo Lacaniano-Rio. Rio de Janeiro. Aula de 12 de abril de 2007.

RIBEIRO, Maria Anita Carneiro. *O traço que fere o corpo.* In: Retorno do Exílio: O Corpo entre a psicanálise e a ciência. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2004.

\_\_\_\_\_. *Sobre o pensamento.* In: *Traumata.* Org. Ana Maria Rudge; colabs. Betty Fuks et al. São Paulo: Editora Escuta, 2006. (Biblioteca de Psicopatologia Fundamental).

REGNAULT, François. *Em torno do vazio: a arte à luz da psicanálise.* Rio de Janeiro: Contra Capa, 2001.

RIVERA, Tânia. *Arte e psicanálise.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

TASCHEN, Benedikt. *Kahlo.* Tradução: Sandra Oliveira. Lisboa. Editores: Sally Bald. Angelika Muthesius, 1994.

Wikipédia, a enciclopédia livre. Acesso em 21/05/07, Google. GNU Free Documentation License.

ZAMORA, Martha. *Frida: el pincel de la angustia*. La Herradura, México, 1987

### **FRIDA KHALO: ONE LIFE**

#### **ABSTRACT:**

This work is the result of a search psychoanalysis about the life and work of Frida Kahlo through the concept of sublimation. Our cut falls on what we believe to be the most relevant facts of her biography, which allow us to work the concept of sublimation.

**KEY-WORDS:** Sublimation, psychoanalysis, art, Frida Kahlo.

### **FRIDA KHALO - UNE VIE**

#### **RÉSUMÉ:**

Ce travail est le résultat d'une recherche psychanalytique sur la vie et l'oeuvre de Frida Kahlo par le concept de la sublimation. Notre découpage retombe sur les faits, pour nous, les plus importants de sa biographie, lesquels nous permettent travailler le concept de sublimation.

**MOTS-CLÉ:** sublimation, psychanalyse, art, Frida Kahlo.

© 2007 *Psicanálise & Barroco – Revista de Psicanálise*  
*Núcleo de Estudos e Pesquisas em Subjetividade e Cultura*  
*CEP: 36036-330 – Campus Universitário – ICH*

**Marli Miranda Bastos e Maria Anita Carneiro Ribeiro**

*Juiz de Fora, MG – Brasil.*

Tel: (32)2102 3117

[dmaurano@psicanaliseebarroco.pro.br](mailto:dmaurano@psicanaliseebarroco.pro.br)

[www.psicanaliseebarroco.pro.br](http://www.psicanaliseebarroco.pro.br)